

Os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, Mato Grosso

*Nayara Marcelly Ferreira da Silva*¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: o presente artigo busca apresentar os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada no município de Poconé do estado de Mato Grosso. O termo autoatenção pode ser compreendido como o conjunto de saberes e práticas que se constituem de modo coletivo e em articulação com a memória e o território, expressando-se de diversos modos, dentre eles: os remédios caseiros, a prática da benzeção, a prática do parto e do resguardo. Alguns resultados emanciparam a partir da pesquisa, por exemplo, as noções de memória coletiva, território, saberes e práticas como processos coletivos e relacionais, fundamentais no processo de transmissão do conhecimento. O termo “remanescente de quilombo” foi problematizado a partir da indagação de como a comunidade pensa essa categoria e como ele se apresenta não só como lugar de memória coletiva, mas como lugar político. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica. Realizada entre os anos de 2015 e 2016 por meio do Programa de Iniciação Científica. A pesquisa etnográfica foi traçada por meio da revisão conceitual, da realização de entrevistas, da vivência dos espaços e da textualização do diário de campo. A escolha do tema, mostra-se essencial por abarcar formas específicas de conhecimentos e agências.

Palavras-Chaves: saberes e práticas; autoatenção; Quilombo de Laranjal.

FERREIRA DA SILVA, Nayara Marcelly. Os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, Mato Grosso. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 265-274, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina.

The knowledge and self-care practices of the quilombola community in Laranjal, Mato Grosso

Abstract: this article seeks to present the knowledge and self-care practices of the quilombola community of Laranjal, located in the municipality of Poconé in the state of Mato Grosso. The term self-care can be understood as the set of knowledge and practices that are combined collectively and in articulation with memory and territory, expressing themselves in different ways, including: home remedies, the practice of benediction, the practice of childbirth and protection. Some results will emanate from the research, for example, as notions of collective memory, territory, knowledge and processes as collective and relational, fundamental in the process of knowledge transmission. The term “quilombo remnant” will be questioned from the question of how the community thinks about this category and how it presents itself not only as a place of collective memory, but as a political place. The methodology used for ethnographic research. Held between 2015 and 2016 through the Scientific Initiation Program. The ethnographic research was designed inseparably from the conceptual review, the conformation, the experience of the spaces and the textualization of the field diary. The choice of the theme is shown to be essential because it encompasses specific forms of knowledge and agencies.

Keywords: knowledge and practices; self-care; Quilombo de Laranjal.

El conocimiento y las prácticas de autocuidado de la comunidad quilombola en Laranjal, Mato Grosso

Resumen: este artículo busca presentar los conocimientos y prácticas de autocuidado de la comunidad quilombola de Laranjal, ubicada en el municipio de Poconé en el estado de Mato Grosso. El término autocuidado puede entenderse como el conjunto de saberes y prácticas que se constituyen colectivamente y en articulación con la memoria y el territorio, expresándose de diferentes formas, entre ellas: los remedios caseros, la práctica de la benedición, la práctica del parto y la protección. Algunos resultados se emanciparon de la investigación, por ejemplo, las nociones de memoria colectiva, territorio, conocimiento y prácticas como procesos colectivos y relacionales, fundamentales en el proceso de transmisión del conocimiento. El término “remanente de quilombo” será problematizado a partir de la pregunta de cómo la comunidad piensa sobre esta categoría y cómo se presenta no sólo como un lugar de memoria colectiva, sino como un lugar político. La metodología utilizada fue la investigación etnográfica. Realizado entre 2015 y 2016 a través del Programa de Iniciación Científica. La investigación etnográfica se diseñó de manera inseparable a partir de la revisión conceptual, la realización de entrevistas, la vivencia de espacios y la textualización del diario de campo. La elección del tema se muestra esencial porque abarca formas específicas de conocimiento y agencias.

Palabras clave: conocimientos y prácticas; autocuidado; Quilombo de Laranjal.

O presente artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica em Ciências Sociais na comunidade quilombola Laranjal, município de Poconé, estado de Mato Grosso, entre os anos de 2015 e 2016². A partir dele, busca-se apresentar os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada no município de Poconé do estado de Mato Grosso. Primeiramente, apresentamos a localização da comunidade de Laranjal e a problematização do termo “remanescente”, no intuito de apresentar como a comunidade se autorreconhece. Para em seguida, apresentar a definição de saberes e práticas de autoatenção como categorias relacionais e que se estabelecem por meio da prática. Enfatizamos o sentido de memória coletiva e território como processos relacionais e coletivos. Na sequência, apresentamos o conjunto de saberes e práticas de autoatenção, enfatizando não só o seu sentido terapêutico, mas sobretudo, sua eficácia simbólica.

Quilombo de Laranjal, Mato Grosso

A comunidade quilombola de Laranjal, está localizada no município de Poconé do estado de Mato Grosso e ocupa parte da região do Alto Pantanal, no centro sul de Mato Grosso. Ali vivem aproximadamente 200 pessoas, distribuídas em 50 unidades domiciliares, e compondo 56 famílias. O município de Poconé é uma cidade Pantaneira, também conhecida como Cidade Rosa, localizada a 100 km de Cuiabá, na região da Baixada Cuiabana, fazendo limite com as cidades Barão do Melgaço, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento e com Corumbá. Possui uma área de 17.260,861 km² e uma população de 32.059 habitantes. O estado de Mato Grosso teve seu espaço colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo o arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (atual cidade de Cuiabá). A origem da Vila Real do Senhor Jesus do Cuiabá se deu com a descoberta do ouro nas lavras do Coxipó-Mirim, em 1719, tendo à frente de tal investida paulistas e reinóis³. A capitania de Mato Grosso era constituída por apenas dois distritos, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas respectivas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), esta última fundada para ser sede de governo.

É importante salientar que a comunidade quilombola de Laranjal não se reconhece como “Remanescente de Quilombo”, mas sim como comunidade quilombola. Isso se dá pelo fato de que o termo “Remanescente de Quilombo” se mostrou ambíguo por fazer referência de quilombo como algo fixo e cristalizado no tempo, ignorando as especificidades dos diversos contextos sociais que estão

² O Programa de Iniciação Científica foi orientado pela professora doutora Sueli Pereira Castro, na Universidade Federal de Mato Grosso, vinculado ao Núcleo de pesquisa de Estudos Rurais e Urbanos.

³ Os paulistas e reinóis compõem a configuração social da capitania de Mato Grosso. De um lado, os paulistas que visavam o aprisionamento indígena e a descoberta de veios auríferos nas entradas pelos sertões à oeste da América portuguesa. De outro, os reinóis, que eram os representantes da Coroa Portuguesa, compostos por vereadores, juizes, governador e capitão-general.

inseridas as comunidades quilombolas. Isso pode ser apresentado na entrevista realizada com Cristina Silva⁴, líder da Comunidade Quilombola de Laranjal:

Eu penso assim, eu sou quilombola, a minha comunidade é quilombola. Mas tem parente meu que vive na cidade, e não é porque vive na cidade que não é quilombola. Porque a nossa ancestralidade é a mesma, a história é a mesma, então somos todos quilombolas, tanto lá como cá.

A comunidade quilombola de Laranjal chama atenção para o fato de que muitas vezes a expressão “ser quilombola” é compreendida dentro de um modelo específico, ausente de temporalidade e multiplicidade. Ilka Boaventura Leite (1999) aponta que o termo ‘remanescente de quilombo’ foi associado ao conceito de ‘folclorização’, no sentido de que quilombos e quilombolas foram classificados em um estereótipo exótico que ignora os sujeitos como seres históricos e culturais. Outro ponto remetido ao termo de ‘remanescente’ é a sutileza em que ele carrega o racismo. O termo ‘remanescente’ está pautado na ideia de que a identidade nacional brasileira tem como base a ‘mestiçagem’, constituída nas relações hierárquicas entre brasileiros negros, índios e brancos. Essa concepção resulta em um efeito homogeneizador, contribuindo para o processo de naturalização da democracia racial e invisibilização de grupos sociais advindo da vertente africana, para esculpir um país embranquecido pela violência simbólica, expressa por meio de práticas genocidas.

Leite (2000), também problematiza o termo “comunidades remanescentes de quilombos”. Segundo ela, o texto final do artigo 68 da Constituição Federal, ao falar em “Comunidades Remanescentes de Quilombos” trouxe impasses conceituais, na medida que apesar de ser advindo da demanda social, no intuito abranger uma grande diversidade de situações envolvendo os afrodescendentes, tornou-se restritivo, por remeter à ideia de cultura como algo fixo, algo cristalizado, fossilizado, e em fase de desaparecimento. Neste sentido, a comunidade quilombola de Laranjal não se vê como “sobrevivência”, “resquício” e “remanescente” dos quilombos históricos do século XIX, e sim como sujeitos de direitos, que reconhecem um passado marcado pela escravidão, e que atualmente questionam e interpelam o Estado e Sociedade Civil, reivindicando direitos, o território e o reconhecimento de suas pluralidades culturais.

Atualmente no contexto político e social brasileiro, as comunidades quilombolas têm sido negligenciadas e ameaçadas constantemente em termos de direitos e políticas públicas, desdobrando práticas genocidas que se intensificaram com o descaso do governo Bolsonaro ao se tratar a pandemia de covid-19. Isso é o reflexo de como o sistema de colonização persiste nas relações estruturais brasileiras. Desse modo, o termo “Comunidade Quilombola” se apresenta não só como lugar de memória, mas também lugar político, na luta contra o descrédito dos planos de ação do poder hegemônico e as malhas invisíveis do sistema de colonização persistente no Brasil.

⁴ SILVA, Cristina Benedita da. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

Saberes e práticas de autoatenção

As categorias dos saberes e práticas serão manifestadas de modo coletivo e relacional. Segundo Muniz Sodré (2017) esses conceitos são vivenciados na comunidade quilombola de Laranjal em um processo de ‘saber praticando’ e ‘pensar fazendo’, no sentido de que o processo de apreensão do conhecimento se dá por meio da vivência do cotidiano, da prática e do dia a dia. Por exemplo, o conhecimento sobre as garrafadas é estabelecido mediante a prática do preparo das ervas, plantas e raízes que se unem no processo de colocar no fogo, de deixar ferver, de coar e de armazenar na garrafa. Todo esse processo envolve a prática que tem como resultado a apreensão sobre as especificidades das plantas e remédios, a eficácia de sua execução e as relações de trocas de experiências entre os sujeitos.

É importante salientar que o termo autoatenção foi desenvolvido por Eduardo Menéndez (2003), no sentido de que pode ser compreendido como o conjunto de saberes e práticas que se constituem de modo coletivo e em articulação com a memória e o território, expressando-se de diversos modos, dentre eles: os remédios caseiros, a prática da benzeção, a prática do parto e do resguardo. A esse propósito, dona Joana Silva⁵, raizeira e parteira, ensina que “tudo que aprendemos aqui na comunidade faz parte da história dos nossos ancestrais, faz parte dos mais velhos e antigos conhecedores que passaram a palavra para a gente”.

Desse modo, é possível apontar que os saberes e práticas de autoatenção (MENENDEZ, 2003) constituem uma história e uma identidade cultural. Mas essa história não é vivida em sequências, estágios e períodos, ao contrário, ela é vivida por meio de uma memória coletiva que está em relação constante com o território. A esse propósito, o território pode ser entendido como o lugar de pertencimento e de lembranças.

No curso Saberes Ancestrais e Práticas de Cura, promovido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi apresentado a noção de “bem viver”, conceito desenvolvido por Ailton Krenak (2019), entendido como o equilíbrio entre o que se pode obter da vida, da natureza e o que se pode devolver. Não é uma tarefa fácil, pois envolve a vivência de um cosmo marcado pela desigualdade em diferentes níveis. Neste sentido, não é uma tarefa pessoal, mas sobretudo coletiva. Isso pode ser atrelado ao que foi apontado por Joana, uma vez que ela reconhece o valor da terra e da natureza como relações coletivas.

Desse modo, Pierre Nora (1984) argumenta que a memória pode ser pensada como processos coletivos, simbólicos, envolvendo lugares materiais, funcionais e de significados. Isso pode ser atrelado à Comunidade Quilombola de Laranjal, na medida que reconhece a relação entre o território, a ancestralidade e os saberes e práticas como processos constituintes da memória coletiva.

Em *Pensar Nagô* (2017) de Muniz Sodré, podemos observar que a memória coletiva é consolidada pelo presenteísmo e pela agência, entendidos como a vivência e o reconhecimento da ancestralidade a partir do tempo presente e do pensamento por meio da prática. Também é indicado a espacialidade, compreendida como o conjunto de representações simbólicas circunscrito em um território específico.

⁵ SILVA, Joana Astro Guida de Arruda. Entrevista[maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcelly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

Neste contexto social, o território é pensado e vivido como lugar de memória e lugar político. Lugar de memória por representar uma identidade cultural constituída por meio de relações sociais e por meio de uma ancestralidade que tem como base a noção de que a terra é o próprio corpo. Isso se dá mediante a ideia de que a terra e a natureza estão simultaneamente em relação. Por essa razão, a terra e a natureza possuem a mesma condição de humanidade, seguindo específicos sistemas de afetos e de vontades. O território pensado como lugar político diz respeito ao processo de luta que se faz por meio da terra mediante a reivindicações do reconhecimento quilombola, da educação escolar quilombola, das manifestações culturais e religiosas que são travadas em contextos políticos e sociais tensionais.

As práticas das plantas, da benzeção e do parto

As pessoas conhecedoras desses saberes são identificadas como raizeiras, raizeiros, especialistas em caracterizar os ambientes do Cerrado, identificar suas plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta, diagnosticar doenças, preparar e indicar remédios caseiros. Toda essa relação só alcança reconhecimento devido ao seu valor cosmológico, pois estão conectadas às histórias de vida de antigas gerações de conhecedores que se responsabilizaram pela transmissão do ensinamento de geração em geração, na garantia do exercício de uma memória coletiva e da vivência do território.

As plantas são regidas por um sistema de afetos e desafetos. Esse sistema precisa ser identificado antes da preparação dos remédios, no intuito de não resultar em malefícios à saúde. As plantas são comparadas ao modo de ser das pessoas. Como Joana, parteira e raizeira, apontou “as plantas são gente como a gente”. No sentido de apresentar um modo de existência e comportamento, constituído por um sistema de afetos e vontades.

Com base em Suzane Vieira (2015) é possível apontar que os imperativos do agenciamento e da vontade das plantas refletem consequências ao corpo. Uma das regras de prudência e da boa saúde é seguir a sua vontade. As plantas estabelecem relações de afetos e sentimentos entre si, tais sentimentos quando bem relacionados potencializam melhoras ao corpo, quando não, intensificam o grau da doença. Dona Joana Silva ainda salienta que:

É preciso seguir o regrado das plantas, se não seguir o regrado não se faz remédios, as garrafadas, o resguardo, os banhos. Cada planta tem um modo de ser que precisa ser respeitado. E cada pessoa também tem um modo de se entender com elas. Tem pessoa mais forte e pessoa mais fraca. Por isso, antes de preparar o remédio é preciso conhecer o modo de ser tanto da pessoa quanto o da planta. Porque elas também são iguais a gente, tem um modo de ser também.

O sistema de afetos e vontades das plantas e das pessoas interagem no processo de autoatenção à saúde. Neste sentido, se o sistema de afetos e vontades não se compatibilizar pode haver consequências negativas ao corpo. A comunidade quilombola de Laranjal, do município de Poconé, do estado de Mato Grosso, reconhece a existência de uma subjetividade e ação do mundo das plantas. Por essa razão, as plantas possuem uma humanidade tal como os humanos. Segundo Oliveira (2012), essa subjetividade pode ser compreendida como processo no qual palavras, percepções, ações e diferentes seres se combinam gradualmente. Por essa razão, essa subjetividade não é só um autorreferencial, ela é também, relacional, ou seja, nasce e se desenvolve na relação com o outro. Nesse sentido, compreende-se a subjetividade como um processo coletivo e relacional. Sendo

atrelada aos sentidos de movimento, de mutação e de fluidez. É por meio dessa subjetividade que se constituem os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, do município de Poconé, do estado de Mato Grosso.

Os remédios caseiros são utilizados de diversas formas, destacam-se: chás, xaropes, banhos, dietas alimentares e garrafadas. Algumas plantas são cultivadas nos quintais das casas. Outras só se criam no mato mais denso, encontradas nas localidades da região. Muitas plantas podem ser utilizadas para a preparação das garrafadas. Elas são preparadas por meio de um conjunto de plantas que possuem o mesmo sistema de sentimentos e vontades.

Outro saber e prática de autoatenção que se manifesta na comunidade é a benzedura. Os benzedores são reconhecidos localmente como pessoas dotadas de conhecimentos herdados de gerações anteriores. A esse propósito, Seu Adriano Silva⁶, raizeiro e benzedor, aponta:

A benzeção não pode ser ensinada para qualquer pessoa. Pois tem muito valor, só a pessoa que entende pode exercer, e é o benzedor que identifica a pessoa. Se ela tem o dom, passa a palavra para ela. Perguntei para Seu Adriano como ele identifica quando uma pessoa tem o dom para a benzeção, ele me explicou que a benzeção é um dom. Para eu passar a palavra e reza para outra pessoa junto com o ensinamento dos remédios de mato que utilizamos na benzeção. Eu exijo da pessoa não apenas fé e confiança em Deus, mas, sobretudo, a necessidade de que o outro sinta o mesmo. Porque senão, não tem eficácia, não cura.

A prática da benzeção pode ser entendida como um “regime da dádiva” consolidada pelo domínio de orações, fórmulas, jaculatórias e o saber dos remédios do mato transmitidas por gerações anteriores mediante a herança vocacional e a tradição oral. Esse processo envolve uma memória coletiva cuja eficácia depende mais do ato coletivo. Por isso, são mágicas apenas “as coisas que foram realmente tais para toda uma sociedade, e não as que foram assim qualificadas apenas por uma fração da sociedade” (MAUSS, 2003, p.55). Desse modo, a eficácia da magia está condicionada a um consenso coletivo, a uma crença compartilhada, em que tanto os conhecimentos como os atos mágicos serão construídos a priori, através da tradição. É importante salientar que o ofício da benzeção estabelece uma mediação com os saberes sobre as plantas e as ervas medicinais.

Outro saber presente na comunidade é o parto. Dona Joana Silva explica que a prática de ‘aparar’ é um “saber de berço”, “minha mãe me ensinou”. Afirma também que não é uma tarefa fácil. Segundo ela, para poder realizar um parto sem complicações é preciso “sentir o corpo da mulher primeiro”. Pois a criança vem com muita força e é preciso saber dosar essa força, “você tem que ter coragem, de revestir a vida de uma criança de dentro de uma gente de mãe. Ele vem com muita força, com corpo demais, por isso que a mulher tem que fazer a puxação”.

A ‘puxação’ pode ser entendida como um “meio técnico”. Conforme aponta Mauss (2003) a técnica corporal é um ato tradicional eficaz formado não por um ato individual, e sim por toda a sociedade da qual o indivíduo faz parte. Isso pode ser notado na prática de aparar, uma vez que Joana orienta que a criança vem “com corpo demais” e que o próprio corpo da mãe precisa corresponder essa força com a “puxação”. A esse propósito, o corpo se apresenta como um ‘meio técnico’ e social, isto é, ao mesmo tempo que recebe influências de técnicas sociais como o resguardo, orientações, posturas e posições, óleos, toques e massagens, ervas para chás e banhos, também produz técnicas a partir de si mesmo.

⁶ SILVA, Adriano Catarino da. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcelly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016

O resguardo é feito após o parto. Ele cumpre um conjunto de regulamentos, como a dieta alimentar, os banhos medicinais, e a prática de 'escaldar'. Dona Joana explica que durante a gravidez "o corpo da mulher vai abrindo" então por isso tem que ter tratamento. Esse tratamento é na base de escaldar com remédio e dieta do alimento". 'Escaldar' é se lavar com remédio através de banhos com o objetivo de evitar cicatrizes e de 'desaguar' os resíduos que permaneceu internamente no corpo da mulher para evitar inflamação.

Escaldava com remédio. O banho na folha de algodão, arrumava folha de algodão, arrumava para ferver, malva branca e batizava ele com salzinho para tomar o banho para acabar de limpar, e sai aquelas águas. Isso evita inflamação e cicatriz, não fica aquele bucho escuro e com cicatriz. A dieta alimentar é feita por meio de sopinha de macarrão, farinha de milho, arroz temperado e frango. De quinze a vinte dias, já pode comer de vez, mas não é bastante, é pouco alimento para não deixar aquele barrigão na mulher.

A prática de 'escaldar' se relaciona com os banhos medicinais. Ambos os procedimentos abarcam a utilização de plantas e remédios de mato. Eles são realizados até o momento em que o corpo da mulher manifesta melhoras e cura. A dieta do alimento após o parto é uma recomendação que envolve o preparo de determinadas comidas, por exemplo, frango, sopa, macarrão etc. Essa dieta segue um prazo de tempo e exige a troca de cuidado entre as famílias. Segundo Ulla Macedo (2007), o pós-parto, no contexto de reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA, é um momento em que os parentes da puérpera são mobilizados, sobretudo sua mãe e sua sogra. Eles se unem para garantir que a mulher proceda às restrições alimentares e comportamentais, ajudando assim a preveni-la de possíveis enfermidades. Isso também ocorre na comunidade quilombola de Laranjal. Nesse período, não só mãe e sogra se unem, mas também a parteira fica responsável por orientar esse cuidado.

É possível dizer que os modos de saberes e práticas de autoatenção apresentados acima se constituem em uma eficácia simbólica. O estudo de Maluf (2012) aponta que a eficácia simbólica pode ser compreendida como a tradução das várias maneiras de designar práticas e situações capazes de produzir resultados que não se reduzem a uma explicação mecânica de causa e efeito. Mas a eficácia, nesse caso, estaria muito mais ligada à produção de um sentido compartilhado no interior de um contexto cultural e social específico, não se limitando apenas ao sentido farmacêutico e biomédico.

Considerações finais

Os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada no município de Poconé, do estado de Mato Grosso constituem-se de específicos códigos simbólicos, aprendidos e vivenciados pelo compartilhamento de uma memória coletiva e da vivência do território. Essas relações sociais foram vivenciadas por traços coletivos, pelo presenteísmo e pela espacialidade. Nesse sentido, englobam relações de gerações anteriores de conhecedores que foram reconhecidos e vivenciados no tempo presente daqui e do agora. O território foi compreendido mais do que um lugar de memória, mas também um lugar político por reconhecer os sujeitos que nele vive como sujeitos de direitos, criativos, expressivos e políticos que em suas especificidades sociais interpelam o Estado e a Sociedade Civil por seus direitos e pelo reconhecimento de suas pluralidades culturais e território.

Apresentou-se o conjunto de saberes e práticas de autoatenção como processos coletivos e relacionais. A partir desses saberes pode-se perceber a sua relação inseparável com o território, a memória coletiva e a ancestralidade. Essa relação é fundamental para a transmissão desses saberes e práticas que devem ser reconhecidas e valorizadas para além da comunidade, eles devem alcançar o reconhecimento no Estado e na Sociedade Civil para consolidação de relações mais inclusivas e interculturais.

Recebido em 28 de abril de 2021.

Aprovado em 30 de agosto de 2021

Referências

CABRAL DE OLIVEIRA, J. *Entre plantas e palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)*. Tese de doutorado. São Paulo, 2012.

FERREIRA DA SILVA, Nayara Marcelly. *Diário de Campo*, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEITE, ILKA BOAVENTURA. Os quilombos no Brasil: questões conceituais normativas. *Etnográfica*, IV (2): 333-354, 2002.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? *Horizontes Antropológicos*, 5 (10): 123-149, 1999,

MACEDO, Ulla. *A “dona do corpo”: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA*. Dissertação de mestrado. Bahia: UFBA, 2007.

MALUF, Sônia W. “Eficácia simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos”. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (orgs.). *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de Pessoa, a de ‘Eu’”. In: *Sociologiae Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2004 [1938].

MENENDEZ, E. L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8 (1) : 185-207, 2003.

NORA, Pierre. "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux". In: NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

SODRÉ, Muniz A. C. *Pensar nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

UNIVASF. *Saberes Ancestrais e Práticas de Cura*, promovido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade de Pernambuco (UPE). Curso de extensão, 2021.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e Pirraça na Malhada. Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.